

DESAPARECIDO

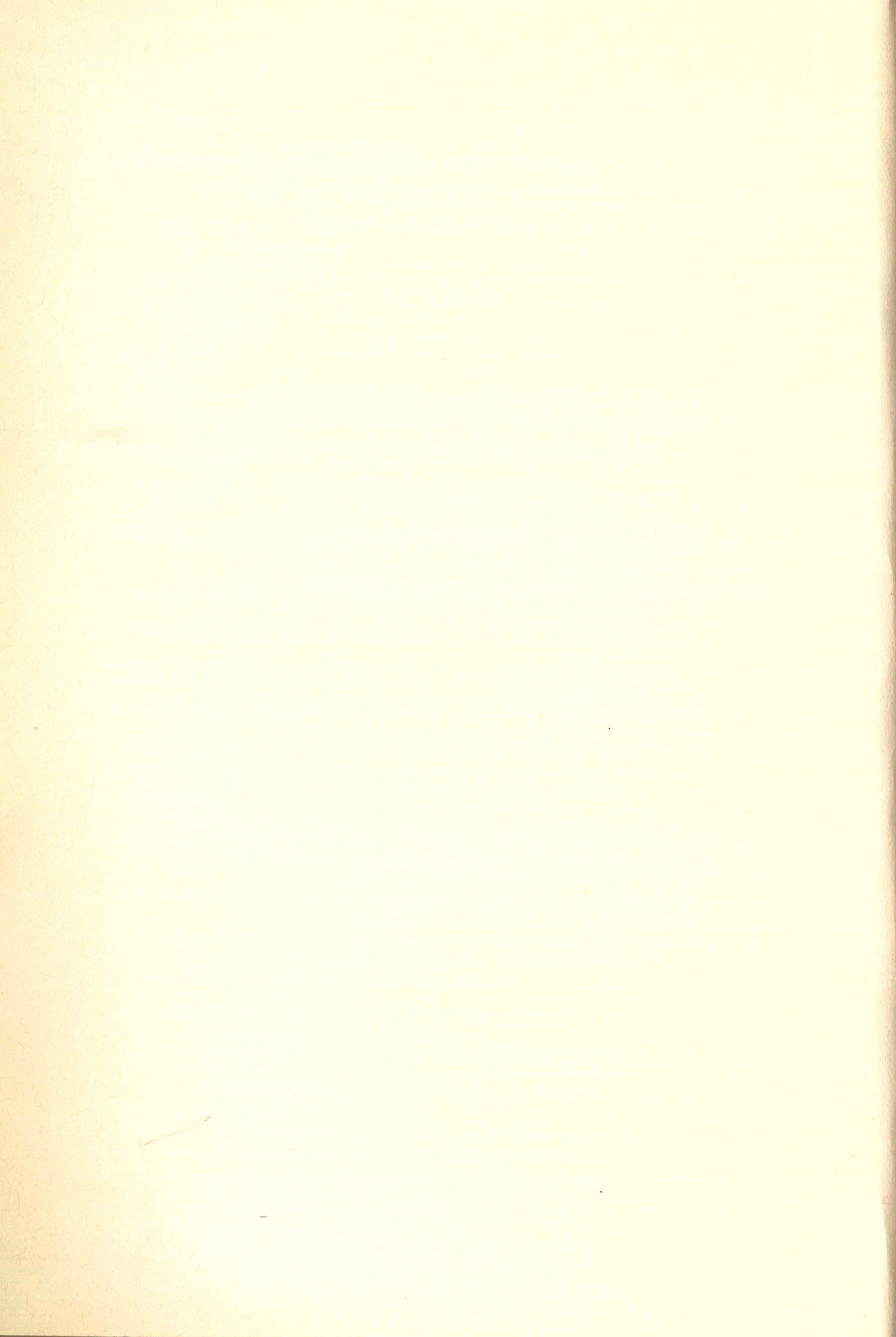
POEMAS

DE

*CARLOS
QUEIROZ*

LISBOA

1935



Ao

Fernando Pessoa,

Espirito Criador

em

Qualidade e Altura,

oferece de propósito

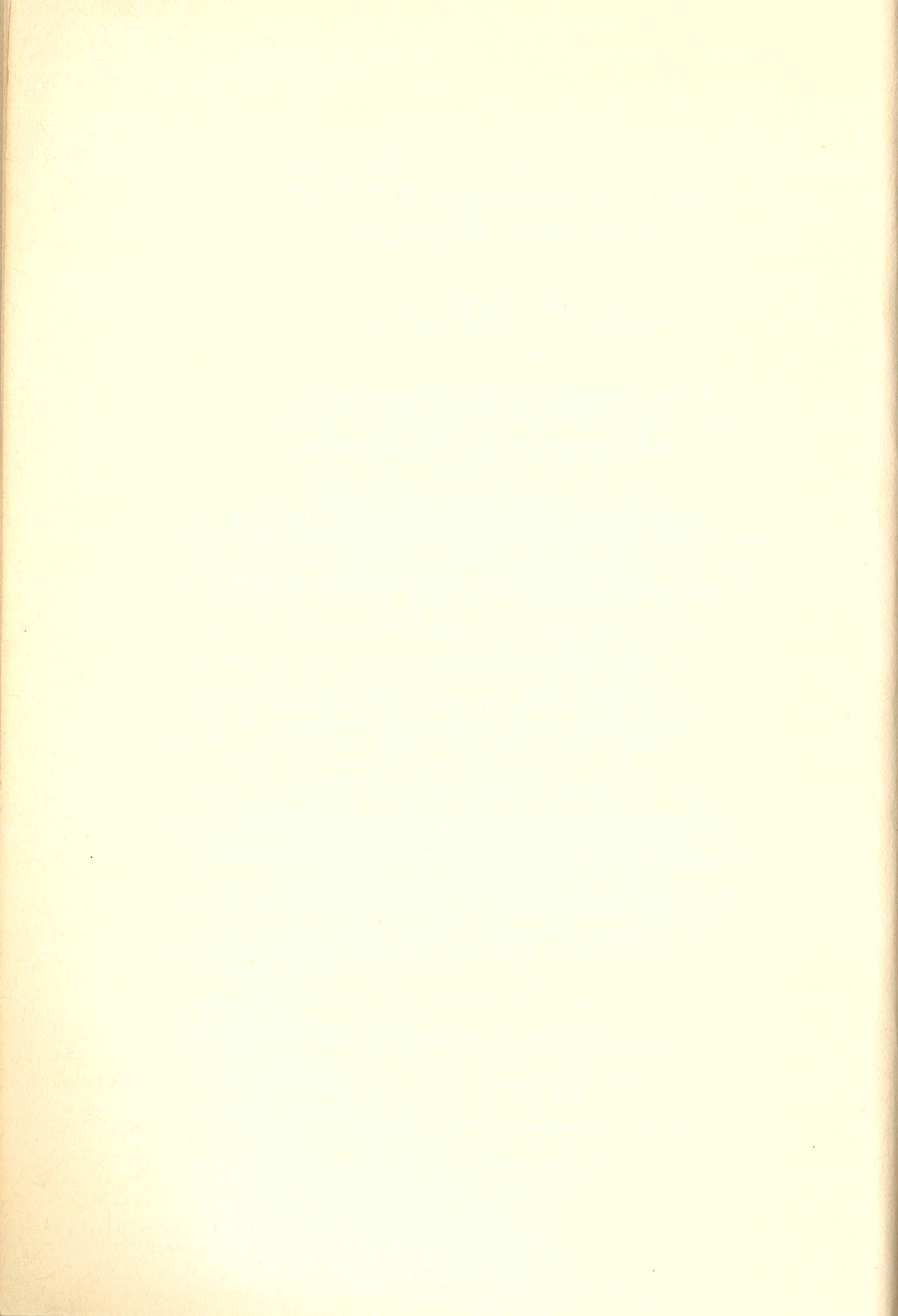
o exemplar n.º 13

dêste livro,

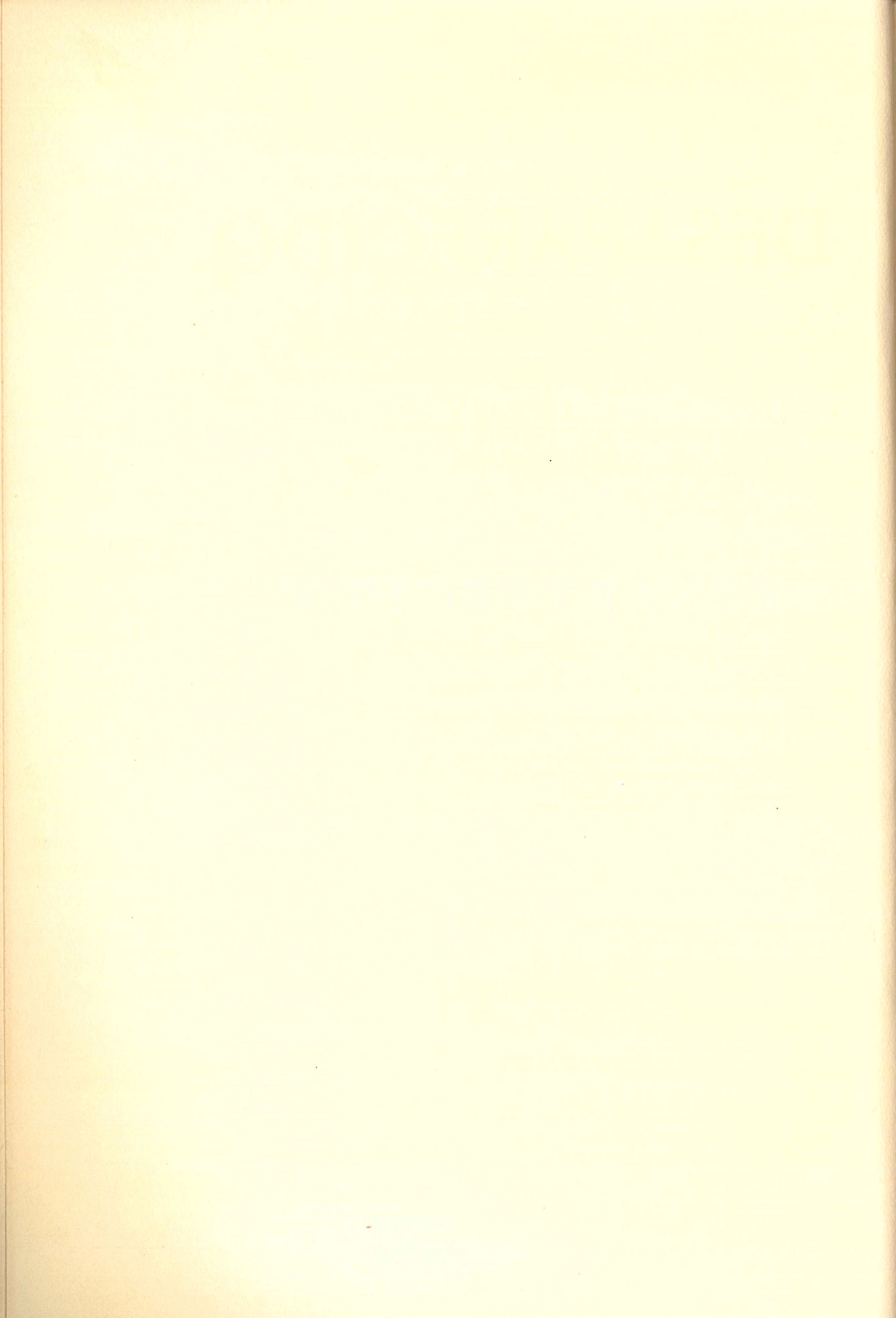
o amigo e admirador

Carlos Freire.

31-10-935.



DESAPARECIDO



DESAPARECIDO

POEMAS

DE

*CARLOS
QUEIROZ*

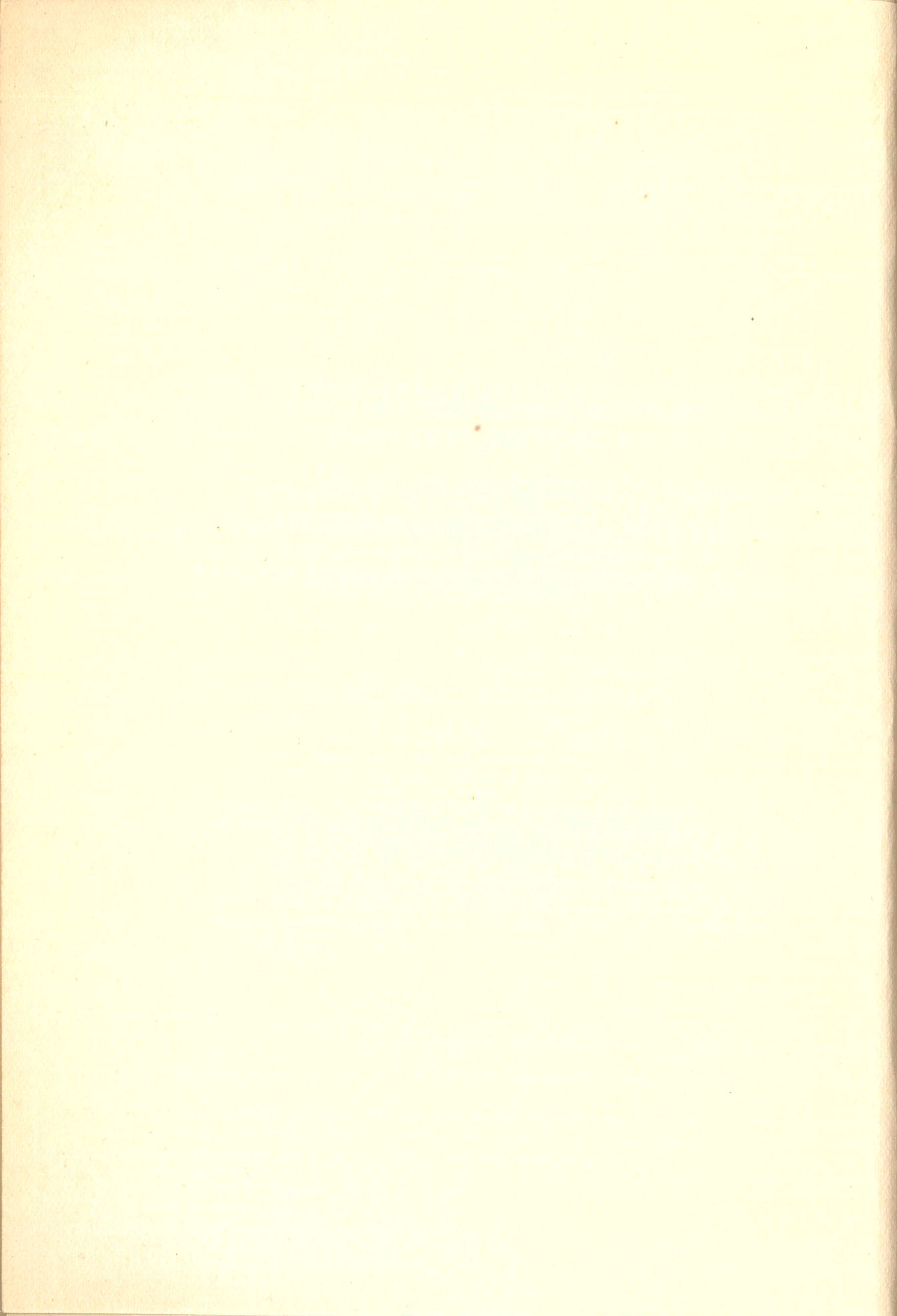
LISBOA

1935

EDIÇÃO DO AUTOR

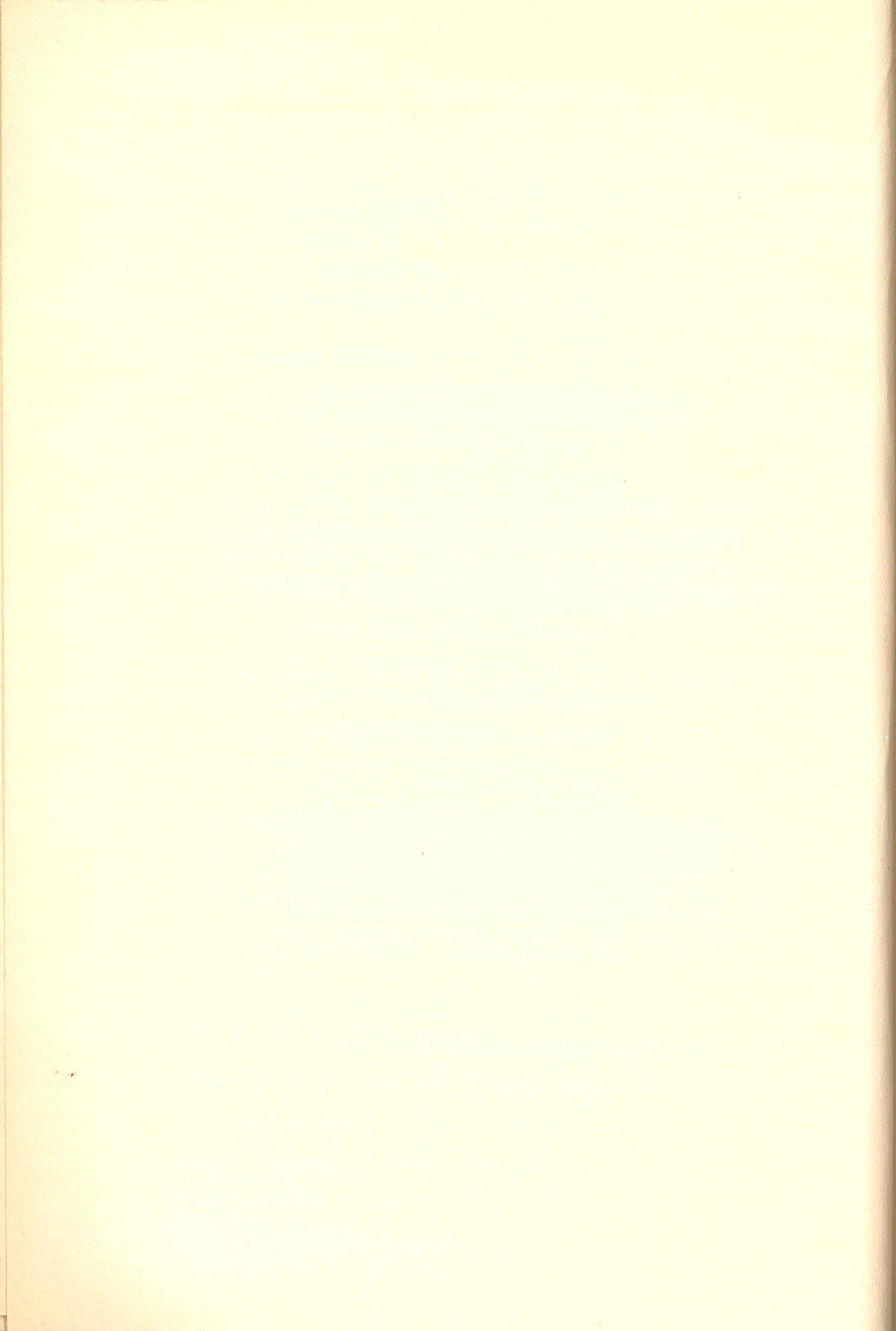


EDUARDO MALTA
MEMBRUO DA ACADEMIA DE BELAS ARTES



«Oisive jeunesse
A tout asservie,
Par délicatesse
J'ai perdue ma vie.»

ARTHUR RIMBAUD



DESAPARECIDO

*S*EMPRE que leio nos jornais:
«De casa de seus pais desapar'ceu...»
Embora sejam outros os sinais,
Suponho sempre que sou eu.

*Eu, verdadeiramente jovem,
Que por caminhos meus e naturais,
Do meu veleiro, que ora os outros movem,
Pudesse ser o próprio arrais.*

*Eu, que tentasse errado norte;
Vencido, embora, por contrário vento,
Mas desprezasse, consciente e forte,
O pôrto do arrependimento.*

Eu, que pudesse, enfim, ser eu!
— *Livre o instinto, em vez de coagido.*
«De casa de seus pais desapar'ceu...»
Eu, o feliz desapar'cido!

2

LEGENDA

*T*ÔDA a gente dizia que êle havia
De ser, nesta vida, alguém;
E a mãe ouvia e sorria,
Contente de ser a mãe.

O menino cresceu; é hoje um homem;
E, embora por alguém o tomem,
Quando o vêem passar, dizem: — Coitado!
É um poeta... (um aleijado).

SUGESTÃO

*S*ABE-ME a sonho
Estar aqui,
De olhos fechados,
Pensando em ti.

*Isto recorda-me
Aquele dia
Em que te olhava,
Mas não te via.*

*Tu perguntaſte:
— Que eſtás a ver?
Fechei os olhos,
Sem responder.*

*A tua voz...
Como a senti!
Vinha de tudo,
Menos de ti.*

N

MARCHA QUASI FÚNEBRE

*S*ILENCIOSO e tranqüilo,
Como um rastro de desgraça,
No outro lado da praça,
O lento cortejo passa
Das meninas do asilo.

*São todas orfãs? — Pior:
São todas tristes e feias.
Saias pretas, grossas meias...
Corre-lhes sangue nas veias
Por milagre do Senhor.*

*Que fazem, durante o dia?
— Aprendem a soletrar,
A coser... e o sol? E o ar?
Quando pensam em lhes dar
Uma lição de alegria?*



CLAMAVI AD TE

A PENAS hoje! apenas uma vez,
Fala de modo que a verdade seja
Tão clara e transparente, que eu a veja
Num cristal da mais pura limpidez!

*Talvez seja loucura o que deseja
A minha insaciedade. Sim, talvez...
Que tu fôsses, falando, a outra que és,
Com a alma nos lábios, quando beija.*

*Mal empregado privilégio, a fala,
Que traduz a verdade em que pensamos,
As palavras gastando em ocultá-la!*

*Que seja assim quando se odeia, vamos...
Mas para quê se dissimula ou cala,
Quando tudo nos diz que nos amamos?!*

MICROCOSMO

*B*REVES, casuais
Estatuas de gelo,
Só temos a mais
A voz e o cabelo.

*Por dentro, quem sabe
O que as coisas são?!
— Num átomo cabe
Qualquer ilusão.*

CRUZEIRO DO NORTE

A H! bem recordo aquele dia,
Contigo, a bordo, no convés
Da álgida melancolia
Que o teu silêncio ao norte fez!

*Tu ias, reclinada e languê,
(Mas tão ausente!) no meu braço.
Desnuda, ao vento e à chuva, exangue,
Teu corpo frio, como o aço...*

*Blocos de gêlo perpassavam
Sob os teus olhos distraídos,
Emquanto os meus, calmos, choravam
Os portos nunca mais volvidos.*

*Que ondas no ar, os teus cabelos,
Os frios ventos conduziam!
Que intencionados os desvelos
Que os marinheiros te rendiam!*

*Ciúmes? — Não, não tive. Entanto,
Eram tão ágeis, a lidar!...
Oh! nunca mais sorrias tanto,
Quando algum dêles te falar!*

AROMA

*N*ÃO invejo quem possa merecer
A realidade da tua presença.
Prefiro imaginar-te de intangível matéria,
Com medo de acordar a Beleza que sonha
Na inefável harmonia dos teus gestos...

*Assim fôsse o teu corpo uma espécie de aroma,
Que apenas preenchesse o ar que eu respirasse!*

JARDIM

Q

QUEM olha para trás, volta a cabeça...

— No lago, o barco de papel,

não anda!

O teimoso menino que o comanda,

Sou eu ainda, embora não pareça.

O sol, que em mim agora dá,

Não brilha tanto, já.

Contudo, o mesmo sou

Que no jardim cantou:

«Giroflé — Giroflá».

*Afasto os olhos húmidos, do lado
Deſta lembrança, quáſi diluida.
Respiro fundo e volto para a vida,
Atónito, febril, desencantado...*

*O sol, que em mim agora dá,
Não brilha tanto, já.
E eu a supor que ainda sou
O mesmo que outrora cantou:
«Giroflé — Giroflá» !...*

ABISMO

*N*ÃO sentes o que eu sinto, embora tentes
Ver claro, ainda, na minh'alma clara.
Também tu és a mesma que eu sonhara
E não posso sentir o que tu sentes.

*Se encoŝto a minha cara à tua cara,
Continuamos, um do outro, ausentes.
Falamos duas línguas diferentes,
Um abismo insondável nos separa.*

*É inútil rasgarmos outros véus...
Só podia prender-nos, como algemas,
A mútua comunhão no Amor e em Deus,*

*Se pudesses sofrer os meus problemas
E soubesses de cór os meus poemas,
Por os sentires, como se fôsem teus.*

PASTORAL

*P*OR ser tão leve o teu passar
Na estrada, à tarde, quando vens
De pôr o gado que não tens,
A paŝtar...

*Por ser tão brando o teu sorrir,
Tão cheio de feliz regresso
Do longe prado, onde apeteço
Contigo ir...*

*Por ser tão breve o teu querer
Alguém que perto de ti passe
E, porque a tarde cai, te abraçe,
Sem nada te dizer...*

*Por ser tão calmo o teu sonhar
Que já é tempo de não ter
Esse rebanho de pascer,
Mas outro de amamentar...*

*É que eu me perco no caminho
Do grande sonho sem janelas,
De estar contigo no moinho,
Sem o moleiro nem as velas.*

RECREIO

N O pátio da escola, alheios a tudo,
Os rapazes brincam.

*Inventam uma guerra entre dois povos
E são quási sinceros no rancor
Com que simulam combater.*

*Dir-se-ia que têm um som metálico,
As espadas de pau, entrechocando-se.*

*Dir-se-iam de autêntica metralha,
Os ruídos vocais com que sugerem
As espingardas e os canhões...*

*Mando calar a voz que me aconselha
A tomar parte na refrega,
Ao lado dos mais fracos.*

*Mas outra voz incita-me a gritar-lhes:
— Mais fôrça! Mais coragem! É preciso
Que corra sangue verdadeiro,
Para que seja útil e profícua
A vossa inconsciente
Ginástica do ódio!...*

AMIZADE

*D*E mais ninguém, senão de ti, preciso:
Do teu sereno olhar, do teu sorriso,
Da tua mão pousada no meu ombro.
Ouvir-te murmurar: — «Espera e confia!»
E sentir converter-se em harmonia,
O que era, dantes, confusão e assombro.

~

ROMANTISMO

E U era, nessa noite, uma *núvem errante,*
Muito leve, a pairar sôbre um mar
em procela.

Tu esperavas por mim numa praia distante;
E através dessa noite, enorme, asfixiante,
Apenas me guiava o teu brilho de estrêla...

Recordo: — A calcular a distância vencida,
Foi quando me rasguei nos ásperos rochedos.
Trespassei-me, depois, uma ave perdida;
E se ainda sentia um alento de vida,
Era só por ter fé no condão dos teus dedos.

*Desfiava-me o vento; e eu sofria, sofria...
(Tu sabes, muito bem, que não te sei mentir!)
Na ânsia de chegar, a mais funda agonia.
— Onde estás?! Onde estou?! — Raiava o novo dia..
Deixaste de brilhar e eu deixei de existir.*



*Relendo êste poema, — extemporâneo, pois
É o fruto banal dum momento romântico —,
Não o pude rasgar (tantos anos depois!)
Porque está nele a praia onde fomos, os dois,
Certa noite, rezar à beira do Atlântico...*

NAVIO

*A*FASTA-SE o navio. — Como era
Tão grande, junto ao cais, quando esperava
A hora da partida, que eu julgava
Impossível passar de eterna espera!

*Afasta-se... Bem vejo que acelera
A marcha, que uma súplica não trava.
— É inútil ficares, minh'alma, escrava
Da sensação que as águas dilacera.*

*Que importa que se afaste?! O que é pior,
É lembrar-nos a nossa pequenez,
Quando se torna cada vez menor...*

*Dilui-se, pouco a pouco, a nitidez;
Mas deixa, como um rastro, a eterna dor
Do Homem — e de tudo quanto fez.*

CANÇÃO DO MUNDO PERDIDO

*M*ENINO: o teu mundo,
Também já foi meu;
Tão belo e profundo,
Tão perto do céu!

*Mas o Tempo veio
E fez-me (tão cedo!)
Acordar, a meio
Do sonho mais ledo.*

*A chave emprestada,
Quis restituída;
Ou antes: trocada
P'la chave da vida.*

*Que mundo tristonho,
Agora, é o meu!
Tão pobre de sonho,
Tão longe do céu!*

Quem tal o diria?!

*O mundo que um dia
Também será teu...*

INTERVALO

*S*EM palavras, sem gestos, sem um esforço,
Que a vida, francamente, nos mereça,
Quantas vezes pendemos a cabeça
E os braços, como ao pêso dum remorso!

*Interrogamos a memória — e ela
Finge que nada sabe; a consciência,
Também nada nos diz. Feliz ausência!
— Contudo, o tempo, está de sentinela.*

*Como ovelhas perdidas na montanha,
Que não ouvissessem do pastor a avena,
Cismamos em que nada vale a pena...
E esperamos que o novo dia venha.*

MARINHA

*P*ORQUE *estavas ali? Como eras assim?!*

*— Algida, à tona d'água balouçando,
A cabeça deitada num confôrto d'algas
E os braços abertos, lânguidos, dados
À caprichosa e calma ondulação marinha...*

*O frio do teu corpo era mais frio,
Por causa do setim do teu vestido azul,
Colado à alma... — não à epiderme.*

*Mas os teus lábios ardiam em febre...
(Ah! os teus lábios ardiam em febre)!*

*Porque estavas ali? Como eras assim,
A imagem completa, verdadeira,
Duma presença interior?!
— Tua dúbia presença, revelada
Num sonho que talvez o ódio me inspirasse...*

CANTAM AO LONGE

CANTAM ao longe. Anoitece.
Faz frio pensar na vida;
E a Natureza parece
Dizer, em voz comovida,
Que o Homem não a merece.



TROFEU

*U*MA fria neblina já reveste
O meu passado. Errada trajetória!
Encanto? — Havia mais naquela história
Dum menino, uma fada... e um fado agreste.

*De ti, conservo apenas a memória
Da suave ternura que me deste,
Como um trofeu, depois duma vitória
E nada mais dessa vitória reste.*

*Memória vária... (tudo, em mim, é vário!)
Porque a trespassas, na difusa essência
Duma luz através dum grande aquário?*

*Mas, não! Saudade, não! Reminiscência...
— A paisagem que sofra a tua ausência,
No meu passar por ela solitário!*

ADAGIO CANTABILE

*P*ORQUE me entristeces tanto,
Alegre e festivo bando,
Na minha rua passando
A cantar, não sei que canto?

*Levas balões e pareces
Ir a compasso animado.
Se é tão ditoso o teu fado,
Porque tanto me entristeces?*

*Vens de longínquas vielas
E eu não ouço o que tu dizes;
Mas sei que por ti, felizes,
Se abriram muitas janelas.*

*A minha, que aberta estava,
Corri, ansioso, a fechá-la:
Pois, se ouvisse a tua fala,
Não me continha — e chorava!*

*Encoŝto a fronte à vidraça
E soffro, como um caŝtigo,
Que leve a morte consigo
Tudo o que é feliz e passa.*

PASSEIO

A sombra que velou o meu olhar sem rumo,
Pôs um dedo nos lábios;
E um silêncio caíu, absurdo, como a neve
Numa paisagem tropical.

As próprias cousas se calaram.

*Eu fugia das plantas e das flores,
— Com vergonha, talvez, de que me vissem
Aquelas cujos nomes ignorava...*

*(Perdoa-me, Natureza!
A culpa não é minha: — é da cidade).*

*Mais ao longe, dois versos,
Que se evadiram dum poema antigo,
Sulcaram, bruscamente,
O meu difuso espírito albeado:*

*— Uma vida serêna, simples, casta,
Que, para ser feliz, tanto me basta!*

*É triste, ser poeta, — meditei;
E é tão pouco, ser homem...*

*Pois sim, mas o Amor?
— E esta palavra encheu
A curva azul do céu.*

Não foi sonhada, não, essa tarde estival!
— *A sua blusa azul, aos seios tão cingida!*

*Nos olhos, de ternura humedecidos,
Tremulinava a lívida lembrança
Duma dúvida morta;
Seus finos dedos, frágeis, friorentos,
Nos meus entrelaçados...*

Não foi sonhada, não, essa tarde estival:
— *Era verdade, o Amor! Era verdade, a Vida!*

EX LIBRIS

*T*ODOS bebem o seu vinho,
De qualquer modo, — mesmo os que
não bebem:

Porque também é vinho o que concebem
Para esquecer o caminho.

A Poesia, é o meu vinho;

— Que importa o que os outros bebem?!

N

BARCAROLA

U *M* violino geme
Em um barco, singrando
No meu sonho, tão brando
Como a curva do leme.

*Prolonga-lhe a derrota,
De leve espuma, um rastro;
E, no tópo do mastro,
Leva uma gaivota.*

*Mas no fio de espuma
Onde o sonho se enreda,
É um bicho de sêda
Num casulo de bruma!*

*E eu acordo a pensar
Em como se parece
Minha vida com êsse
Leve barco a singrar...*



IMPOSSÍVEL

*P*UDESSE, alguma vez, est' alma inquieta,
Conhecer da Verdade a transcendência!
Dar-lhe, depois, a simples aparência
Duma coisa concreta...

*Conseguisse atingir, do Sonho, a meta;
Em cada verso, revelar a Essência,
— Como a luz nos revela a transparência —
E seria um Poeta!*

*Mas, não! É bem melhor êste impossível,
Que me deixa sentir, dentro do peito,
O coração a latejar, sensível
À dor humana, eterna, incoercível,
— Embora insatisfeito!*

UMA HISTÓRIA VULGAR

OUVIR a tua voz, outrora, era o bastante
Para sentir, enfim, justificada, a vida;
E supor que podia, a partir dêsse instante,
Abrir, impunemente, ao mundo, confiante,
Minh'alma enternecida.

Fitar o teu olhar, era um deslumbramento,
Que me transfigurava e me fazia crer
Que depois de viver, na terra, êsse momento,
— Sereno, como após o extremo sacramento —,
Já podia morrer.

*Premia as tuas mãos nas minhas e dizia,
Com profunda emoção: — É só por ti que existo!
— Como foi isto, amor? Do nosso olhar, um dia,
Caiu neve no fogo em que a minh'alma ardia...
Amor, como foi isto?!*

*Passas por mim, agora, e nada me insinua
Ser a tua presença o derradeiro elo
Que me prendia à vida. — E a vida continua!
É tudo, como outrora, (o sol, o mar, a lua...)
Mesmo sem ti, é belo!*

*Como havemos de ter, nos outros, confiança?
Que humano sentimento a nossa fé merece?
De que servem, na vida, os ideais e a esp'rança,
Se o próprio Amor, — como os brinquedos,
em criança —,
Tão cedo, para nós, perde o encanto e esquece?!*

~

PROFECIA

*P*OETAS: esperemos com paciência!
Que a Humanidade, um dia, (quási morta,
À míngua d'alma, a Civilização),
Vergada ao pêso inglório da ciência,
Há-de vir mendigar à nossa porta
A esmola duma canção!

N

LIRISMO

C AÍDO ferido passarinho,
No frio lago condoído:
As rôtas velas do moinho
Choram o teu vazio ninho,
Das velhas telhas desprendido.

*Eras, na calma do convento,
Líricas Albas e Serênas.
Agora, à tona d'água, o vento,
Num vago afago friorento,
Debalde embala as tuas penas.*

*Não mais teu canto matinal,
(Ah! como isto me entristece!)
Dará, nos campos, o sinal
Que já o sol aclara o vale...
Ou vesperal, se ao longe desce.*

*Teu corpo, agora, — onde estará
A alma que continha? Quem,
Ao vê-lo morto, chorará?
— Nem uma lágrima fará
Correr dos olhos de ninguém!*

ERÓTICA

A noite descia,
Como um cortinado,
Sôbre a erva fria
Do campo orvalhado.

*E eu, (fauno em vertigem,
A rondar em tórno
Do teu corpo virgem,
Sonolento e morno),*

*Pensava no lasso
Tombar do desejo;
Em breve, o cansaço
Do último beijo...*

*E no modo como
Sentir menos fácil
O maduro pómo
Do teu corpo grácil.*

*Ou sem lhe tocar
— De tanto o querer! —
Ficar a olhar,
Até o esquecer,*

*Ou como, por entre
Reflexos de lago,
Roçar-lhe no ventre
Luarento afago;*

*Perpassando os meus
Nos teus lábios húmidos,
Meu peito nos teus
Branços*

seios

túmidos...



CIDADE

N A cidade, quem olha para o céu?
— É preciso que passe um avião...
Quem me dera o silêncio, a solidão,
Onde pudesse, alguma vez, ser eu!

*Na cidade nasci; nela nasceu
A minha dispersiva inquietação;
E o meu tumultuoso coração
Tem o pulsar caótico do seu.*

*Ab! quem me dera, em vez da gasolina,
O cheiro a terra húmida, a resina,
A flores do campo, a leite, a maresia!*

*Em vez da fria luz que me alumia,
O luar, sôbre o mar, em tremulina...
— Divina mão compondo uma poesia.*

SETE CAPRICHOS PARA ELA

I

*Q*UE a tua carne sofra ou goze,
Há sempre, nos teus olhos, a miragem
Da sêde que sucede ao acordar
Duma longa narcose.

No quente aroma que o teu corpo exala,
(Róseo berço de núvem que me embala),
Há tantos trechos de paisagem
Do campo e beira-mar!

Quem disse que a carne é vil?
— Bemdito o «sex-appeal»
Que assim me deixa viajar!

*O cheiro do jardim era uma luz,
Na escura noite que eu puz
No beijo que te dei.
(Virgem? — Não sei.)*

*Que discreto e pesado anoitecer!
Disseste: — Quero morrer...
E foi por isso que te amei.
(Virgem? — Não sei.)*

*Canto a cálida calma do teu corpo,
Deitado na praia;
A fina brisa que te ondula a saia,
O sol que queima a tua pele!
Canto o sabor a mel
Dos teus ingénuos beijos de petiza;
O instintivo gesto de compor
A alça da camisa...
E o jôgo que é, para mim,
Adivinhar-lhe a côr.
— Fim.*

A estrêla que rasgou o firmamento...
Foste tu que passaste,
Nua, no meu pensamento;
A rosa-rosa que arranquei da haste...
Foste tu que sorriste,
Nua, no meu pensamento;
A carta que não me escreveste...
Foste tu que viste,
Nua, no meu pensamento;
A núvem que deixou o céu tão triste...
Foste tu que partiste,
— Meu amargo prazer, doce tormento!

*Neste breve poema quero pôr,
Com delicada, feminina arte,
Esta lembrança quási estranha,
Que me acompanha
Por tôda a parte,
Como o teimoso aroma duma flor:
— No teu sorriso sobrenatural,
A pequenina dúvida banal
Que anima o nosso amor...*